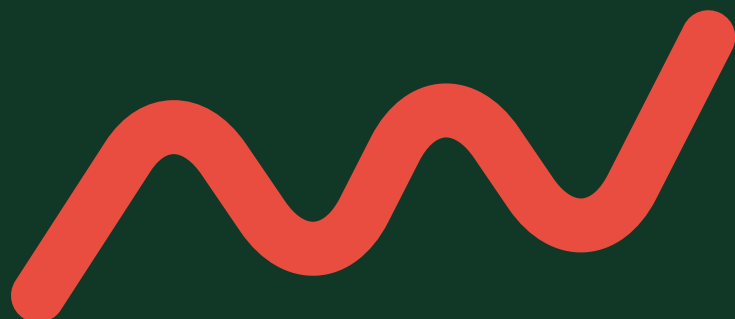
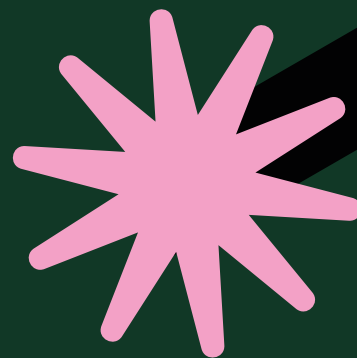


volume
06



RELAÇÕES INTERNACIONAIS

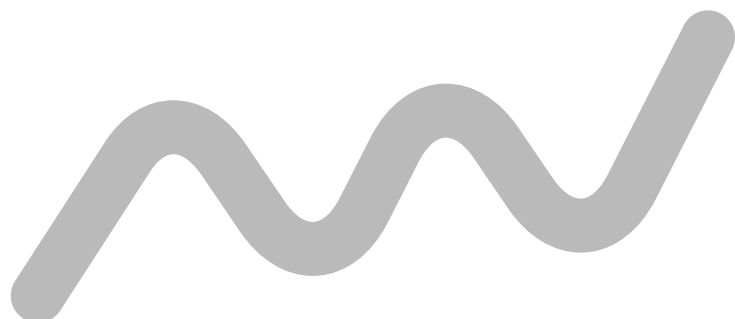
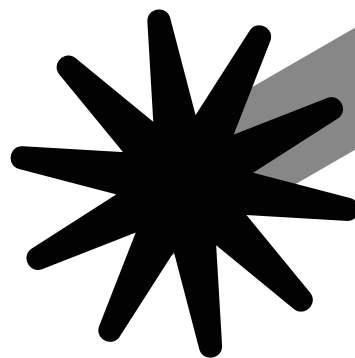
UM GUIA DESCOMPLICADO!

coleção
para bebês



Marcelo de Almeida Medeiros
Lucas José Brito Carvalho
Dalson Britto Figueiredo Filho (org.)

volume
06



RELAÇÕES INTERNACIONAIS

UM GUIA DESCOMPLICADO!

coleção
para bebês



Marcelo de Almeida Medeiros
Lucas José Brito Carvalho
Dalson Britto Figueiredo Filho (org.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

Vice-Reitor

Edmilson Miranda de Moura

Superintendente de Comunicação Social

Jacqueline Lima Dourado

Diretora da EDUFPI

Olívia Cristina Perez

EDUFPI - Conselho Editorial

Jacqueline Lima Dourado (presidente)

Olívia Cristina Perez (vice-presidente)

Carlos Herold Junior

César Ricardo Siqueira Bolaño

Fernanda Antônia da Fonseca Sobral

Jasmine Soares Ribeiro Malta

João Batista Lopes

Kássio Fernando da Silva Gomes

Maria do Socorro Rios Magalhães

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Projeto Gráfico. Capa. Diagramação.

Marília Gabriella Lima Lira da Silva

Revisão

Dalson Britto Figueiredo Filho

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Centro de Ciências Humanas e Letras
Biblioteca Setorial Prof. Wilson Brandão

M488r Medeiros, Marcelo de Almeida.
Relações Internacionais: um guia descomplicado / Marcelo
de Almeida Medeiros, Lucas José Brito Carvalho ; organizador,
Dalson Britto Figueiredo Filho. -- Teresina : EDUFPI, 2025.
56 f. : il.

ISBN: 978-65-5904-419-1

1. Guia. 2. Internacionais. 3. Relações. II. Título.

CDD 020.202

Bibliotecária: Amanda Maria Coelho Vieira Albuquerque - CRB3/1353



Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella CEP:
64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil



PREFÁCIO

Dawisson Belém Lopes



A obra *RI para Bebês* proporciona leitura instigante e acessível para quem quer entender melhor as Relações Internacionais (RI). Seus autores, Marcelo de Almeida Medeiros e Lucas Brito, desmistificam a disciplina, mostrando como ela se conecta com o nosso cotidiano. O texto foge da excessiva formalidade e aposta em registro dialógico, porquanto cheio de exemplos práticos e referências que tornam o aprendizado bastante natural.

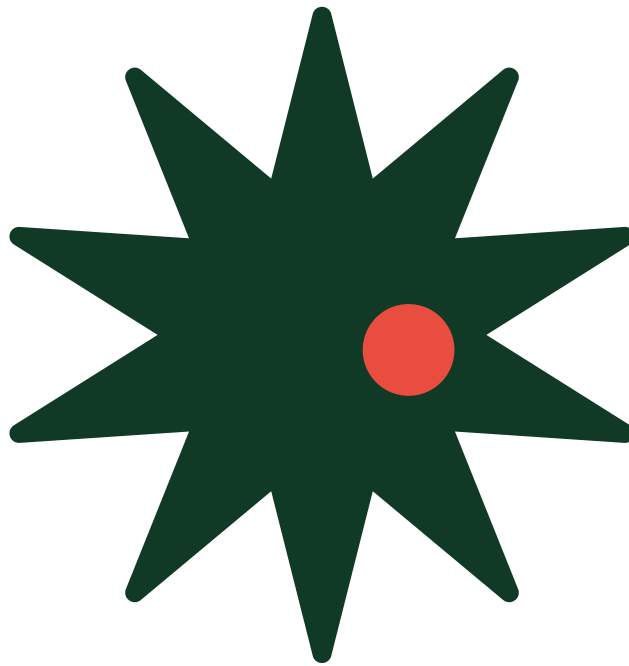
Desde o começo, o livro deixa claro por que estudar RI é tão importante. Se o mundo está cada vez mais interligado, as decisões tomadas em um país podem ter – e terão – impactos globais, alcançando cada uma e cada um de nós. A obra explica essas dinâmicas, botando casos recentíssimos ou ainda contemporâneos, como a pandemia de COVID-19 e a guerra entre Rússia e Ucrânia, em tela de apreciação. Os autores expõem, com leveza, como tais acontecimentos internacionais afetam até a dimensão mais mezinha da vida que levamos, mobilizando vídeos curtos, cinema, música, podcasts, gráficos e um arsenal de outros recursos didáticos.

O livro não se furta a apresentar as principais teorias das RI, como o Realismo, o Idealismo e o Construtivismo, sem transformar isso em algo maçante. Ao colocarem a mão no que poderia ser um desafio vespeiro, os autores saem-se graciosamente com vários exemplos concretos, sustentando empiricamente a exposição das ideias e facilitando a vida do estudante e do leitor leigo. O trecho que trata da diferença entre Relações Internacionais (como campo disciplinar de estudos) e relações internacionais (como fenômeno social) é ótimo exemplo do papel desempenhado por *RI para Bebês* em esclarecer questões que podem parecer por demais complexas à primeira vista.

Outro ponto forte do escrito é a forma como os autores resgatam diferentes atores das relações internacionais. Além dos Estados e governos, há destaque para o papel das organizações internacionais, das empresas multinacionais, das ONGs e até do ativismo transnacional. O capítulo que trata da diplomacia e dos discursos de líderes na ONU é importante, já que demonstra como as palavras usadas por representantes de um país podem influenciar debates e moldar decisões políticas. Discursar, afinal, também é agir.

De modo elogiável, *RI para Bebês* lança um olhar atento sobre a atividade de pesquisa, introduzindo metodologias como a Análise de Discurso e a Análise de Conteúdo, e explicando como essas ferramentas podem ser usadas para estudar discursos políticos, conflitos internacionais e tendências globais. Outro aspecto relevante é o tratamento dado a desafios contemporâneos. A obra destaca temas como mudança climática, desigualdade global, migrações forçadas e ciberativismo, fazendo claro para a leitora que as RI não concernem apenas a governos e diplomatas, senão também à vida cotidiana das pessoas simples. O caso de Tuvalu, pequena ilha ameaçada pelo aumento do nível dos mares e oceanos, ilustra como o aquecimento do planeta e o derretimento das calotas polares não são apenas uma distante questão ambiental, mas sim uma iminente ameaça de ordem política e social.

O tom descontraído da obra é, sem dúvida, um de seus maiores trunfos. Para quem está acostumado com textos acadêmicos formais, o estilo mais fluido é um respiro. No fim das contas, RI para Bebês é livro que cumpre exemplarmente a função de apresentar as Relações Internacionais de um jeito atraente e atualizado. Ele mistura teoria e prática, propiciando discussões fecundas e acessíveis sobre assuntos incontornáveis. Com conteúdo bem estruturado e amparado pela melhor literatura técnica disponível, é uma excelente porta de entrada para quem quer entender melhor o cenário internacional e o impacto que ele tem sobre todos nós. Seus autores, Marcelo e Lucas, estão de parabéns pelo realizado.



Dawisson é Professor Associado de Política Internacional e Comparada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Diretor do Escritório de Governança de Dados Institucionais e ex-Diretor-Adjunto de Relações Internacionais da UFMG.



sobre este GUIA



Quer entender, de um jeito direto e sem embromação, o que tá rolando entre Rússia e Ucrânia? Fica bolado com as tretas ambientais e quer saber qual é a da Amazônia nessa história? Então chega mais!

A coleção “Para bebês” foi feita para te dar aquele empurrãozinho inicial em temas que parecem difíceis, mas que, com uma boa explicação, viram fichinha. Já falamos de Análise de Dados, Políticas Públicas, Perícia Criminal... e agora é a vez das Relações Internacionais entrarem em cena.

Este guia foi pensado pra galera que tá começando na graduação ou na pós — ou até pra quem só quer entender melhor o mundo ao redor. Para facilitar sua vida, espalhamos pelo texto várias perguntas-chave, além de exemplos práticos que ajudam a ligar a teoria com o que está acontecendo no mundo real.

A jornada começa com oito perguntinhas básicas que já vão mexer com a sua cabeça. Depois, a gente mergulha nos bastidores da Diplomacia e da Análise de Política Externa. Na sequência, entram em campo os debates mais quentes do momento (spoiler: tem polêmica sim). E no final, mostramos rapidinho os principais métodos de pesquisa usados na área, tudo no estilo “entendeu ou quer que desenhe?”. Pra fechar, tem uma curadoria de leituras, filmes e podcasts que vai turbinar ainda mais o seu rolê pelas RI.

Então se ajeita aí, que a viagem vai começar! Prometemos abrir sua mente para um novo jeito de ver o mundo — com ciência, senso crítico e um pouco de ousadia também.

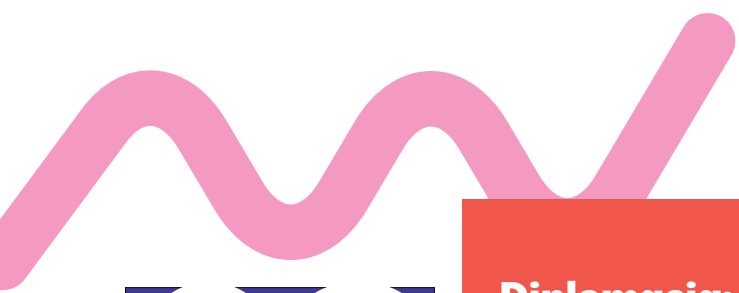
Vamos nessa?



SUMÁRIO



Bora nessa que vai ser massa!



08	Diplomacia: A política externa em ação	27	Métodos de pesquisa em RI
8 perguntas básicas sobre RI		Debates atuais na disciplina	
	17		38
44	Conclusão		
Recomendações			
	51		
Materiais excelentes para dar o gás nos estudos			



01

8 PERGUNTAS BÁSICAS SOBRE RI



1. Por que é importante estudar RI?

Não é puxando sardinha pro nosso lado... Mas existem diversas razões pelas quais é importante estudar Relações Internacionais - ou RI, para nós que já somos íntimos. Como o espaço aqui é curto, focamos nas três que consideramos principais:

Primeiro, estamos em um mundo cada vez mais globalizado e eventos políticos relevantes não se restringem mais às fronteiras de uns poucos países. Combater a pandemia de COVID-19, [por exemplo](#), envolveu uma complexa coordenação de esforços entre diversos Estados e atores não-estatais ao redor do mundo, buscando a criação de uma vacina para conter o vírus.

Segundo, estudar RI permite compreender como os conflitos surgem, como podem ser resolvidos e quais mecanismos de cooperação internacional existem para promover a paz e o desenvolvimento sustentável. Para esses objetivos, pesquisadores de RI analisam incansavelmente eventos como a guerra entre [Rússia e Ucrânia](#) ou a [questão Israel/Palestina](#).

Por fim, a formação interdisciplinar dada aos alunos de RI permite que eles atuem nas mais diversas áreas. Entre os graduados e pós-graduados da área, as possibilidades são diversas: desde uma carreira na [diplomacia brasileira](#), até trabalhos em comércio exterior ou na equipe de organismos internacionais (aqui você vê oportunidades de trabalho na [ONU!](#)) e ONGs, sem falar de oportunidades no setor privado e de análise política. Ou seja, as RI também podem ser uma porta incrível para o mercado de trabalho! E aí, tá ficando mais animada?

Na verdade, o sistema internacional é estudado desde muito antes da disciplina de RI ser estabelecida. Heródoto, Tucídides e Maquiavel foram alguns desses pioneiros que, muito cedo, atentaram para a importância das relações transfronteiriças. A interconectividade crescente entre as nações ao longo dos séculos só fez aumentar a relevância dos estudos internacionais.

A fragmentação e desregulamentação das mais diversas trocas no cenário externo vem complexificando bastante sua compreensão, exigindo análises cada vez mais sofisticadas. Ótimo para os curiosos das Relações Internacionais, que têm um universo promissor de temas a explorar!

2. Qual a diferença entre Relações Internacionais e relações internacionais?

Usamos o termo *Relações Internacionais*, com iniciais maiúsculas, para designar a disciplina que estuda as relações existentes entre Estados e outros atores relevantes no cenário global. Estabelecida no início do século XX, na Universidade do País de Gales (Reino Unido), a disciplina inicialmente buscou compreender as causas e os desdobramentos dos grandes conflitos de sua época, mas engloba hoje uma gama ampla de fenômenos e abordagens teóricas e metodológicas.

Por sua vez, usar a expressão *relações internacionais*, com iniciais minúsculas, remete diretamente às diversas formas de relações entre agentes que atuam na seara internacional - ou seja, todos os acontecimentos que podem aparecer nos estudos da disciplina de Relações Internacionais.

Dito isso, não se confunda! Se você ler a sigla RI em um artigo ou ao longo desta apostila, saiba que o texto está se referindo à disciplina de Relações Internacionais. Nestes links, você pode aprender mais sobre a [história das RI no mundo](#), sua trajetória nas [universidades brasileiras](#), e os temas [mais estudados](#) pelos pós-graduandos da área. Seja sincera, sua vida ficou mais fácil agora?

3. Todo estudo sobre acontecimentos no sistema internacional é parte das Relações Internacionais?

Não! Apesar de se dedicar a essa exploração, as RI não são a única disciplina ou área que analisa os acontecimentos desenvolvidos em nível internacional.

Essa exploração também pode ser feita por jornalistas ou pesquisadores da Ciência Política, do Direito, da Economia ou da História, entre outros. De toda forma, o conhecimento produzido por esses acadêmicos pode ser útil para pesquisas de RI. É o que hoje se chama, de forma muito elegante, de *interdisciplinaridade*. Nas Relações Internacionais, porém, são trabalhadas teorias, conceitos e métodos próprios da disciplina. Quer um exemplo? No artigo “[Mídias e Relações Internacionais: A Veiculação da Crise da Unasul pelas Agências Internacionais de Notícias](#)”, as autoras recorrem a material produzido por jornalistas para basearem suas análises científicas.

4. O que é uma teoria para as Relações Internacionais?

De forma muito simples, teorias podem ser entendidas como as “lentes” pelas quais estudiosos analisam o que acontece no sistema internacional. Cada tradição ou linha teórica vai trazer perspectivas diferentes sobre que tipo de evento internacional é mais importante, que tipo de ator tem mais influência e até que tipo de matriz metodológica pode trazer melhores resultados para pesquisa.

O desenvolvimento inicial dessas teorias é comumente associado a uma série de debates. O primeiro e mais famoso é entre o Idealismo e o Realismo. Se você for velho, glose aí essa parte que é importante. Se você for jovem e acostumada com as novas tecnologias, dê um **Ctrl+B**. Por um lado, teóricos idealistas defendem que instituições internacionais podem melhorar significativamente a condição dos diversos povos, enquanto os realistas entendem um cenário internacional muito mais marcado por conflito, direto ou através do balanceamento de capacidades bélicas e materiais entre as nações. Com a Segunda Guerra Mundial acontecendo mesmo em um sistema que já contava com uma Liga das Nações, os realistas e suas previsões pessimistas acabaram “vitoriosos” nesse embate.

OBS: Se o seu objetivo é entender mais profundamente as principais diferenças entre idealistas e realistas, [este artigo](#) e [este vídeo](#) podem ajudar, é praticamente um Fla x Flu 😊.

OBS2: Nessa primeira fase, o filósofo Immanuel Kant figura entre as principais inspirações dos idealistas, principalmente por seu debate “[A Paz Perpétua](#)” - que depois seria resgatado pelos liberais, teoria que assimilou diversos pontos do Idealismo após sua “derrota”. O Realismo reúne mais nomes célebres, destaque para E.H. Carr e sua crítica contundente ao otimismo das outras teorias no livro “[Vinte Anos de Crise](#)”

Ao longo dos anos também se desenvolveram outros dois debates. Na década de 1950, iniciou-se uma discussão sobre os limites da disciplina entre Tradicionalistas e Behavioristas.. Enquanto os Behavioristas buscavam uma aproximação da disciplina com as ciências naturais, os Tradicionalistas apontavam que a natureza humana impediria esse tipo de sistematização. Por fim, nem todo mundo concorda que existiu um terceiro grande debate, mas [David Lake \(2013\)](#) o caracteriza como uma oposição primária entre Positivistas e Reflexivistas, reeditando alguns dos argumentos anteriores sobre os limites das Ciências Humanas e suas pesquisas.

O mesmo David Lake, porém, aponta que esses debates não explicam tudo na disciplina. O sistema internacional continua a se transformar, e novas teorias são criadas para comportar toda essa mudança. Sejam novas versões das teorias tradicionais (os “neo”), ou correntes completamente novas, como o Construtivismo e as diversas formas de Teoria Crítica.

Indicação: Um apanhado mais extenso desses debates pode ser conferido no artigo “[*Debates teóricos em Relações Internacionais: origem, evolução e perspectiva do “embate” Neo-Neo*](#)”, de Demetrius Pereira e Rafael Rocha ou em “[*As teorias principais das Relações Internacionais: Uma avaliação do progresso da disciplina*](#)”, de Pedro Emanuel Mendes.

5. Quais os atores presentes nas relações internacionais?

Lá no começo da disciplina, era muito comum que os estudos do sistema internacional olhassem apenas para os Estados e suas relações. Mas o tempo foi passando... Novos desdobramentos internacionais acontecendo... E hoje, enfim, já temos uma noção clara de que muita “gente” diferente pode importar no sistema internacional. Os Estados ainda são muito relevantes, não tenha dúvida, mas eles não estão mais sozinhos.

Por exemplo, temos as Organizações Internacionais Governamentais, como a [Organização das Nações Unidas](#) (ONU), a [Organização Mundial do Comércio](#) (OMC) ou a [Organização](#)

[Mundial da Saúde](#) (OMS). Essas instituições são formadas por iniciativas de governos nacionais, mas conseguem atuar com níveis variados de autonomia, trabalhando em questões sensíveis como políticas comerciais, saúde e direitos humanos.

Na arena privada, as possibilidades são muito mais numerosas. Mesmo que você não reconheça o termo Organizações Internacionais Não-Governamentais, com certeza já ouviu falar do trabalho do [Greenpeace](#) para o meio ambiente. O mesmo vale para as Redes organizadas de ativismo internacional, como a [Anistia Internacional](#). Outras categorias incluem ainda as Instituições filantrópicas de atuação global, como a [Gates Foundation](#) e a [Ford Foundation](#) e as Corporações multinacionais, como as gigantes *Google*, *Apple* e *Amazon* - que, com certeza, estão presentes em alguma parte da sua casa. Na verdade, como estamos lendo um e-book, existe um grande chance de você ter adquirido o material usando as tecnologias produzidas por essas empresas. Segue o jogo!

OBS: Sabe a Nestlé? A gigantesca multinacional [já foi acusada diversas vezes](#) de sabotar iniciativas em defesa do aleitamento materno na Organização Mundial da Saúde. Até a empresa que produz seu Nescau é um ator importante no sistema internacional. Loucura, né?

OBS: Grupos ativistas de influência internacional podem até parecer uma novidade dos nossos tempos, mas não é bem assim. Lá em setembro de 1972, a [Anistia Internacional repercutiu em todo o mundo com uma denúncia das torturas realizadas durante a ditadura militar brasileira](#). Em um mundo antes da *internet*, esses abusos poderiam ter facilmente passado batido pela comunidade internacional.

Longe de ser uma questão puramente doméstica, indicamos [Ainda Estou Aqui](#) (filme vencedor do *Oscar* de Melhor Filme Internacional!) aos curiosos sobre as décadas de ditadura brasileira, e esta [entrevista](#) com a protagonista do filme, Fernanda Torres, sobre como o regime militar foi também resultado de um cenário internacional instável.

6. A análise de política externa nas Relações Internacionais é a mesma que vemos nos jornais?

Não! Pelo amor de Deus, não confunda bife à milanesa com bife ali na mesa. Apesar de existirem semelhanças entre a forma que um jornalista e um cientista social lidam com o mesmo fenômeno, as RI dependem de uma robustez teórica e metodológica sistemática em suas análises para tentar evitar qualquer viés valorativo. Isso é muito importante. Vamos repetir. Na análise científica dos fenômenos internacionais, devemos buscar, o máximo possível, aquilo que os filósofos da ciência chamam de neutralidade axiológica. Ou seja, a imparcialidade diante dos eventos, tal qual um árbitro justo em uma final de copa do mundo.

Claro, uma neutralidade absoluta também não é possível para os pesquisadores de RI, ainda somos humanos! Mas quando comparamos trabalhos científicos com matérias de jornal, podemos ver claramente que orientações ideológicas são muito mais fortes nesse segundo grupo. Vamos ilustrar isso com os dois exemplos abaixo, no qual podemos ver como veículos de notícia nos dois lados do conflito Rússia-Ucrânia tratam de eventos semelhantes:

EXEMPLO DE VIÉS JORNALÍSTICO:

Uma das formas mais fáceis de verificar como o viés jornalístico afeta análises de um mesmo evento é olhar para lados opostos de um conflito internacional. Abaixo, destacamos matérias sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia, publicadas por jornais desses dois países. Como esperado, cada jornal caracteriza a guerra de forma completamente distinta. Apesar dos vieses, os dois exemplos podem ser utilizados como material de análise em uma pesquisa científica, desde que ela reconheça claramente essas tendências. Tô sentido que você tá gostando! Coisa boa vem por aí.

Matéria 1 - RT.COM: Na versão em inglês do canal russo RT, uma matéria destaca “[Rússia frustra plano ucraniano de sequestrar helicóptero de guerra eletrônico](#)”, Aqui, a matéria caracteriza a Ucrânia como a parte agressora no conflito entre os dois países. Isso fica claro na denúncia de que “espiões ucranianos” estariam prontos para assassinar a população russa com o apoio de países ocidentais e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Matéria 2 - KYIV POST: Na versão em inglês do portal ucraniano Kyiv Post a narrativa é completamente diferente. Uma matéria recente tem como manchete “[Documentando dez anos de crimes de guerra russos](#)”. Nesta matéria, é a Rússia que aparece como parte agressora, acusada de carregar um histórico longo de violações aos direitos humanos na região.

Em termos metodológicos, uma técnica útil para conduzir uma investigação científica sobre esses vieses é chamada de análise de conteúdo. Vamos falar mais dela lá embaixo, mas já vai se ligando neste trabalho que apresenta um passo a passo de como fazer isso e é aberto para [download](#).

7. Quais métodos são usados nos estudos de RI?

Pesquisadores das Relações Internacionais, tais quais seus pares atuando em outras disciplinas, podem recorrer a uma série de métodos quantitativos, qualitativos e mistos em suas análises. Dividimos muitas dessas técnicas com as outras Ciências Humanas e Sociais, mas aqui elas adquirem objetivos específicos só nossos.

A escolha de uma estratégia metodológica, porém, só deve ser definida após uma reflexão sobre o tipo de pesquisa que se espera empreender. Perguntas distintas sobre o mesmo fenômeno podem exigir estratégias completamente opostas. Não é uma tarefa trivial, por isso separamos uma seção apenas para essa discussão, nela passaremos a limpo algumas das técnicas mais utilizadas da disciplina e mostraremos exemplos práticos de como utilizá-las. Então, nada de ficar ansioso que já já a gente chega lá!

Nesse meio tempo, se liga [neste link](#) - nele você vai encontrar um repositório 0800 de trabalhos tutoriais sobre métodos e técnicas de pesquisa com mais de 400 artigos. Tem de tudo, pode conferir.

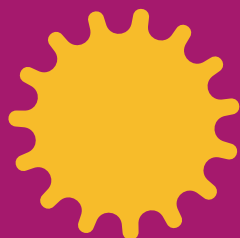
8. O que podemos estudar hoje na disciplina?

O sistema internacional continua a se modificar todos os dias e diferentes temas ganham importância nesse desenrolar de acontecimentos. É uma lista quase infinita, da qual podemos destacar: (i) o caráter cada vez mais global das crises sanitárias, como a COVID-19, (ii) o crescimento do ciberativismo e do uso da *internet* para influenciar o sistema internacional, (iii) o efeito de eventos climáticos cada vez mais extremos para vida em sociedade ou até (iv) a relevância de questões religiosas, étnicas e de gênero em conflitos e crises políticas.

Esses exemplos não exaurem as possibilidades à disposição dos pesquisadores, mas já dão um gostinho da diversidade que existe na disciplina. Aos leitores, incentivamos que sejam curiosos e lembrem que, num mundo tão globalizado quanto o nosso, quase tudo pode ser visto por uma lente internacionalista. Pesquisadores das RI já sabem disso há muito tempo, como vocês podem conferir neste [link](#) que agrupa todas as dissertações defendidas da área defendidas no Brasil desde 1987.



**DIPLOMACIA:
A POLÍTICA EXTERNA
EM AÇÃO**



Anote aí porque é importante: a atividade diplomática de um Estado é uma das formas de sua *política externa em ação*, ou seja, ela expressa os posicionamentos daquele país no sistema internacional. Esta ideia é compartilhada por diferentes correntes teóricas, com algumas variações.

Já vimos que os realistas focam no receio de conflitos diretos com outros Estados. Um dos teóricos mais importantes dessa linha, [Morgenthau \(1958\)](#) vai além e propõe que a arena diplomática serve como instrumento de negociação para evitar tensões mais graves no sistema. Por outro lado, construtivistas como [Adler \(1999\)](#) defendem que através da diplomacia é possível desenvolver políticas a serem aplicadas de forma global.

Em comum entre esses pesquisadores, porém, está a noção de que os discursos de representantes estatais são uma das fontes mais produtivas da política externa em ação. A diplomacia é marcada por uma liturgia com ritos bem definidos, dotados de grande poder simbólico que nos permite prever os rumos e objetivos finais de uma negociação ou debate.

Nesta seção, vamos olhar para alguns discursos proferidos em duas arenas importantíssimas do sistema internacional: a Assembleia Geral e o Conselho de Segurança da ONU. Os exemplos destacam como até a escolha de uma ou outra palavra pode revelar uma série de informações sobre as intenções de um país. Como diria a Anitta, prepara!

1) [Discurso de abertura do embaixador Sérgio França Danese na Assembleia Geral da ONU \(25/06/2024\)](#)

Desde 1955, uma tradição duradoura é mantida na ONU: nas reuniões da Assembleia Geral, o primeiro representante a falar é o brasileiro - padrão quebrado em pouquíssimas ocasiões nos últimos 70 anos. Com a representação do Embaixador Sérgio França Danese, essa tradição se manteve em 2024. Trechos de seu discurso estão colocados abaixo, pedimos especial atenção aos pontos marcados em negrito. Beleza? Podemos confiar? Então vamos em frente.

“Sr. Presidente,

Agradeço por convocar esta sessão. **É um momento oportuno para os Estados-membros da ONU discutirem o trabalho do Conselho de Segurança.** Esta prática contribui para aumentar a transparência e a responsabilidade do órgão principal encarregado da paz e segurança entre os Estados-membros[...]

“[...] Com essa experiência em mente, o Brasil compartilha a frustração de outras delegações pela paralisia diante de conflitos em várias regiões do mundo. **A incapacidade de alcançar um consenso mínimo, especialmente entre os membros permanentes, tornou impossível cumprir a tarefa essencial atribuída ao Conselho pela Carta da ONU. [...]**”

“[...] Acreditamos que a ONU deve se beneficiar mais da **democratização do processo de tomada de decisões do Conselho de Segurança. [...]**”

“[...] A incapacidade do Conselho de agir em certas situações é parcialmente consequência de uma **estrutura arcaica**, que não representa as realidades e necessidades políticas de hoje. **Há uma séria sub-representação, e até falta de representação, de países em desenvolvimento e regiões inteiras, como a América Latina, Caribe e África. [...]**”

“A Cúpula do Futuro, em setembro próximo, será uma oportunidade inestimável para avançar significativamente nessa direção.

Obrigado.”

Lembram da tradição do Brasil de abrir a rodada de discursos na Assembleia Geral da qual falamos anteriormente? Uma interpretação comum é que esse foi um “prêmio de consolação” pelo país não ter conseguido uma vaga permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, órgão responsável pelas decisões mais sensíveis da ONU. **“Sério? não creio! Conta mais essa fofoca!”**.

Em 1944, quando a ONU e o Conselho de Segurança estavam sendo criados, o nome do Brasil chegou a ser levantado como um possível membro do que viria a ser o órgão para temas mais sensíveis na organização, representando a América Latina. Essa proposta teria sido apoiada pelo presidente norte-americano Roosevelt, mas acabou por ser vetada por Winston Churchill e Josef Stalin, pouco dispostos a dividir o poder do Conselho entre mais membros. Ao fim, foram definidos cinco membros permanentes: China, França, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos - que permanecem nessa posição até hoje. Ao Brasil, restou o [“prêmio” de abrir as reuniões da Assembleia Geral](#).

OBS: Ficou interessado nessa história? Dá uma olhada nesse [vídeo](#), sobre o funcionamento do Conselho, e neste [artigo aqui](#) para entender mais sobre essa história do Brasil quaseee ter garantido seu espaço na mesa “dos grandes” 😊

Mas e hoje em dia? Mesmo com todas as mudanças no sistema internacional desde então, o discurso do embaixador Danese deixa claro que a postura do Brasil ainda é crítica em relação a esta exclusão. Argumentos nesse sentido são repetidos ao longo do texto apontando problemas no funcionamento do Conselho de Segurança.

Em sua configuração atual, membros permanentes podem impedir a aprovação de **qualquer** resolução de forma unilateral - um polêmico [direito ao veto](#). Alguns desses membros, porém, tendem a estar em posições opostas com frequência. Os Estados Unidos e China, por exemplo, têm histórico longo de tensões. Recentemente, isso pôde ser visto na questão palestina: os Estados Unidos [vetaram uma proposta](#) de cessar-fogo entre Israel e Hamas apoiada pela China, e a China [fez o mesmo](#) com uma proposta de cessar-fogo apoiada pelos Estados Unidos.

O embaixador Danese aponta essa morosidade como grave problema e pede por uma representação mais igualitária dos diferentes continentes nos assentos permanentes do Conselho - que não contam com nenhum mandatário africano ou latino-americano.

Sendo uma “potência média” no sistema internacional, é esperado que o Brasil busque ampliar sua participação em espaços como esse. Ao fim e ao cabo, através de seu discurso, sua fala desenha um Conselho de Segurança da ONU anacrônico e que não reflete a real distribuição de poder no novo mundo globalizado. Essa insatisfação com o Conselho não é exclusiva do Brasil, que já esteve junto à Índia, Japão e Alemanha em [pedidos anteriores](#) por reformas no órgão.

- 2) [Declaração da embaixadora Barbara Woodward, representante permanente do Reino Unido no Conselho de Segurança \(16/09/2024\).](#)

Neste segundo exemplo, vamos para a representante de um dos membros permanentes do Conselho de Segurança, que aqui discorre sobre a proteção de civis e trabalhadores humanitários na Faixa de Gaza em meio ao conflito entre Israel e o Hamas. Novamente, atenção nos trechos destacados em negrito!

“Obrigado, Sr. Presidente, e como outros, eu me junto a você em agradecer à Coordenadora Sênior de Ajuda Humanitária e Reconstrução, Kaag, e ao Diretor Executivo Da Silva por seus informes. **O Reino Unido apoia fortemente os incansáveis esforços da ONU para intensificar a ajuda em Gaza** e presta homenagem a você e a toda a comunidade da ONU pelo seu trabalho em circunstâncias cada vez mais difíceis[...]

“[...] **O Reino Unido apoia fortemente** os incansáveis esforços da ONU para intensificar a ajuda em Gaza e presta homenagem a você e a toda a comunidade da ONU pelo seu trabalho em circunstâncias cada vez mais difíceis [...]

“[...] Sr. Presidente, saudamos a notícia de que a primeira fase da campanha de vacinação contra a poliomielite da ONU em Gaza foi concluída, **facilitada pela implementação por Israel das pausas táticas acordadas.** [...]

“[...] Portanto, primeiro, agora precisamos ver essa capacidade de desescalada aplicada à operação humanitária mais ampla. **Israel se comprometeu a inundar Gaza com ajuda: mas isso não se materializou. Isso é inaceitável.** [...]

“[...] **Nos unimos ao apelo do Secretário-Geral** pelo cumprimento do direito internacional, especialmente os princípios de distinção, proporcionalidade e precaução nos ataques. Estamos horrorizados com o assassinato de mais trabalhadores humanitários. [...]

“[...] A reconstrução de Gaza deve ser acompanhada pela reconstrução da esperança. Esperança pelo fim deste ciclo de violência. Esperança por paz e segurança duradouras tanto para palestinos quanto para israelenses.

Isso só pode ser alcançado com uma solução de dois Estados, que garanta aos palestinos seu direito inalienável à autodeterminação, juntamente com a segurança para Israel. [...]

Após uma série de resoluções ter sido bloqueada por outros membros permanentes do Conselho, é notável como a embaixadora britânica usou de seu discurso para: (i) pontuar a posição do Reino Unido no conflito Israel-Hamas e (ii) declarar apoio formal ao trabalho do Secretário-Geral e aos projetos da ONU para assistência de civis na zona de conflito.

Isso fica claro no seu clamor por uma solução de dois Estados - o que, neste contexto, implicaria no reconhecimento de fronteiras bem delimitadas entre Israel e Palestina enquanto países distintos e legitimados internacionalmente. A embaixadora também aplaude a implementação de pausas humanitárias, mas critica a distribuição falha de ajuda humanitária na região - um dos compromissos que Israel tinha firmado após as críticas sobre a atuação de seu exército na região de Gaza.

OBS: As tensões entre Israel e Palestina têm um longo histórico e dificilmente poderiam ser explicadas extensivamente nesta apostila. Aos interessados, indicamos o vencedor do *Oscar* de Melhor Documentário de 2025, [Sem Chão](#). A co-produção entre Palestina e Noruega segue a vida dos moradores de Masafer Yatta, região ocupada da Cisjordânia palestina, focando na aliança entre um ativista local e um jornalista israelense. Se quiser algo mais acadêmico, nossa sugestão é o livro [“Israel-Palestina: A construção da paz vista de uma perspectiva global”](#), organizado por Gilberto Dupas e Tullo Vigevani.

Em uma perspectiva geral, uma interpretação possível do discurso de Barbara Woodard é de que, sabendo que resoluções não passariam pelo Conselho sem serem bloqueadas, a embaixadora usou do seu espaço no púlpito para reforçar a posição do Reino Unido sobre o conflito. No sistema internacional, esse é um tipo usual de demarcação de posicionamento - especialmente quando decisões mais robustas parecem longe de serem realizadas. Sentiu o drama? Captou a sutileza do trabalho?

3) [Pronunciamento de Volodymyr Zelensky na Assembleia Geral da ONU \(19/09/2023\)](#)

Culminação das tensões entre os dois países ao longo de décadas, a invasão da Ucrânia pela Rússia, em 2022, cristaliza um antigo conflito na região. As razões dadas por Moscou para sua investida são diversas, indo desde a anexação territorial de regiões ucranianas com forte atividade separatista Pró-Rússia, até o receio de que a aproximação de Kiev com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) fosse uma forma de nações ocidentais prepararem um ataque contra o território russo.

Como em quase toda conflagração desta magnitude, a população civil dos dois países são os mais afetados pelo desenrolar da guerra. Sendo um país territorialmente muito menor que a Rússia, é na Ucrânia também que a crise humanitária acumula os maiores índices de devastação - afetando todas as searas de sua sociedade: social, econômica e política.

Números do conflito impressionam

Mortos e feridos no conflito (2024)	<u>1.000.000</u>
Número de ucranianos em insegurança alimentar (2023)	<u>11.000.000</u>
Número de ucranianos deslocados internamente (2024)	<u>3.700.000</u>
Número de ucranianos refugiados no exterior (2024)	<u>6.700.000</u>
Sítios históricos danificados em conflito (2025)	<u>476</u>

Falando à Assembleia Geral da ONU em 19 de setembro de 2023, o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky discursou sobre as consequências do conflito e sobre a necessidade de a comunidade internacional intervir pelo fim das agressões. Nos trechos abaixo, podemos ver alguns dos pontos mais importantes de sua fala.

“Eu saúdo todos que defendem esforços em comum! E prometo – **estando realmente unidos**, podemos garantir uma paz justa para todas as nações [...]”

“[...] Mas, na verdade, o que mais assusta agora não são as armas nucleares.

Enquanto as armas nucleares permanecem, a destruição em massa ganha impulso. **O agressor está transformando muitas outras coisas em armas, e essas coisas não são usadas apenas contra nosso país, mas contra todos vocês também.** [...]”

“[...] **Primeiro exemplo: a comida.**

Desde o início da guerra em grande escala, os portos ucranianos no Mar Negro e no Mar de Azov foram bloqueados pela Rússia [...]”

“[...] **A Rússia está lançando os preços dos alimentos como armas** [...]”

“ [...] Gostaria de agradecer aos líderes que apoiaram nossa Iniciativa de Grãos do Mar Negro e o programa “Grãos da Ucrânia”. **Unidos, conseguimos transformar armas novamente em comida.** [...]”

“ [...] Essas crianças na Rússia são ensinadas a odiar a Ucrânia, e todos os laços com suas famílias são quebrados... Isso é claramente **um genocídio.**”

Quando o ódio é usado como arma contra uma nação, ele nunca para por aí. **A cada década, a Rússia inicia uma nova guerra** [...]”

“[...] E não será um diálogo entre as chamadas “grandes potências”, a portas fechadas, que garantirá uma nova era de paz, **mas o trabalho aberto de todas as nações pela paz** [...]”

“[...] A guerra precisa ser contida. Слава Україні [Glória à Ucrânia].”

Em primeiro plano ao longo de toda sua fala, está o apelo pelo apoio da comunidade internacional. O argumento principal é de que a ameaça da Rússia não pode ser contida sem ajuda de outros países, e que o resto do planeta pode ser afetado com a continuação da guerra. Em linguagem popular, é meio que uma andorinha não faz verão ou a união faz a força, sacou?

Tentar invocar a solidariedade de outros países é um jeito comum de países buscarem apoio em momentos de crise. Aqui, esse pedido por ajuda é reforçado na pontuação que o lado russo teria um histórico longo de agressões e que estaria prejudicando toda a coletividade. Isso fica claro nos trechos sobre alimentos e bloqueio de portos pela Rússia, e a denúncia de que a invasão poderia ser caracterizada como uma forma de **genocídio**.

Nenhuma dessas escolhas de termo é mera coincidência, elas representam a posição ucraniana oficial sobre o conflito e toda tensão que o acompanha. Para garantir que seus apelos reverberem com nações-amigas, Zelensky foca claramente na ideia de que as consequências adversas de uma guerra ultrapassam qualquer fronteira nacional. É o que os economistas chamam, de forma muito elegante, de **externalidades negativas**.

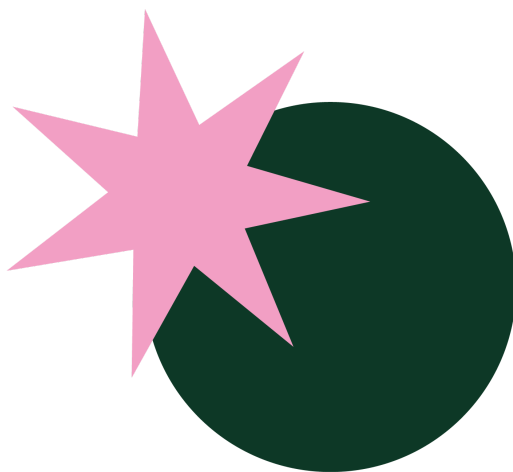
OBS: A história entre Rússia e Ucrânia é muito longa para ser explicada aqui em detalhes. Ainda tá curioso por mais? Veja essa [matéria](#) do instituto Politize! Se quiser ler algo mais acadêmico, sugerimos os trabalhos de [Kusa \(2022\)](#) e [Mielniczuk \(2022\)](#)

Ainda que de forma simplificada, podemos dizer que a interpretação dos textos nesta seção foi com auxílio de uma Análise de Discurso, técnica muito comum nas Relações Internacionais e em outras áreas das Ciências Sociais. Esse método consiste em buscar significados, intenções e direcionamentos presentes nas falas proferidas por figuras políticas relevantes, procurando entender algum fenômeno ou tendência do sistema internacional. Cabe também anotar que, geralmente, a Análise de Discurso pode estar associada a uma Análise de Conteúdo, mais afeita aos parâmetros bibliométricos. O quadro abaixo compara as principais características dessas duas técnicas de pesquisa.

Aspecto	Análise de Discurso	Análise de Conteúdo
Foco	Relações de poder e significados implícitos	Padrões e temas explícitos
Base teórica	Pós-estruturalismo e teoria crítica	Positivismo e empirismo
Abordagem	Interpretativa e contextual	Sistematizada e categórica
Objetivo	Desvelar ideologias e hegemonias	Organizar e quantificar dados

OBS: Por muito tempo, toda Análise de Discurso e Conteúdo tinha que ser feita manualmente, com a leitura integral de cada material analisado, um trabalhão!

Ainda que hoje em dia esse caminho ainda seja utilizado por vários pesquisadores, pelas mais diferentes razões, ferramentas computacionais podem ser úteis nesse tipo de pesquisa. Podemos processar rapidamente grandes quantidades de textos e buscar padrões e temas que se repetem ao longo deles, e até identificar casos destoantes que podem ser interessantes para nossas análises. Mais informações sobre essas novas técnicas podem ser conferidas no artigo “[Do texto como texto ao texto como dado: o potencial das pesquisas em Relações Internacionais](#)”. Veja também neste [link](#) materiais extras para aprofundar o seu conhecimento sobre análise de discurso, análise de conteúdo, mineração de texto (*text mining*) e outras técnicas úteis à pesquisa empírica em Relações Internacionais.





DEBATES ATUAIS NA DISCIPLINA



1. A pandemia de COVID-19 e a iniciativa COVAX *Facility*

Talvez o evento mais marcante do século XXI até agora, a pandemia de COVID-19 escancarou que temas de saúde não podem ser encarados como problemas restritos às fronteiras de cada país. Questões sanitárias são preocupações compartilhadas globalmente, o que nas RI associamos ao conceito de [Saúde Global](#) e suas mais variadas dinâmicas.

Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi oficialmente considerada uma pandemia global pela Organização Mundial da Saúde (OMS), influenciando discussões sobre fronteiras nacionais e pautando a criação de iniciativas que buscaram combater a doença de forma coordenada, como foi o caso da *Covax Facility*.

Criada ainda em 2020, a *Covax Facility* foi fruto de um trabalho em conjunto de governos e instituições filantrópicas, junto ao comando da Organização Mundial da Saúde (OMS), a [Gavi Alliance](#), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Coalizão para Inovações em Preparação para Epidemias (CEPI). A iniciativa buscou ampliar o acesso às vacinas contra a COVID-19, diminuindo desigualdades causadas pelas diferentes capacidades de compra de imunizantes entre países ricos e pobres. Como uma nação de renda-média e tendo capacidade de fabricar internamente algumas das vacinas que formariam o banco de reservas do imunizante, o Brasil destinou cerca de [2,5 bilhões de reais](#) para o projeto.

Esse compartilhamento global das responsabilidades sobre crises sanitárias, porém, é um tema rodeado de controvérsias, que as RI ainda tentam entender. Dentro das nações mais ricas do mundo, população e políticos questionaram a entrada de seus governos em iniciativas para ajudar outros países, enquanto a doença ainda não tinha sido controlada dentro das próprias fronteiras nacionais. Alternativamente, países pobres denunciaram o acúmulo desproporcional de vacinas e outros produtos importantes para prevenção da doença por governos que podiam pagar por essa prioridade. É a famosa frase: farinha pouca, meu feijão primeiro. Deu para entender, não é? Vamos em frente.

Oficialmente encerrada em 31 de dezembro de 2023, estima-se que a *Covax Facility* entregou cerca de dois bilhões de doses de vacinas contra a COVID-19 em 142 países, ajudando a diminuir a desigualdade do acesso ao número mínimo de duas doses de imunizante entre as nações

mais pobres do mundo, onde cerca de 57% da população foi imunizada, e a média global, estabilizada em cerca de 67% da população, segundo dados da [CEPI](#).

OBS: Se você quer entender mais sobre o funcionamento da Covax Facility, indicamos essa outra [matéria](#) do portal Politize! Outras análises interessantes sobre a pandemia de COVID-19 podem ser vistas em [Correa Filho e Ribeiro \(2021\)](#) e [Domingues \(2021\)](#)

2. Ciberativismo em voga: o caso WikiLeaks

Não dá para pensar no mundo que vivemos sem pensar na *internet*, acessada hoje por mais de [5 bilhões de pessoas](#) ao redor do globo. Mas o mundo cibernético não serve só para ver vídeos no TikTok! Os polêmicos casos de vazamentos de documentos diplomáticos confidenciais dos Estados Unidos através do site WikiLeaks são exemplo claro de que esse espaço também abriga conflitos políticos importantes, levantando preocupações sobre o que chamamos de cibersegurança e ciberativismo. E se a gente te falar que nesse [link](#) você encontra TODAS as teses e dissertações defendidas no Brasil que citam no título cibersegurança e ciberativismo, respectivamente? Tá parecendo coisa de hacker, e por falar no assunto....

Liderado pelo hacker Julian Assange, o WikiLeaks revelou ao mundo casos ativos de espionagem norte-americana. O governo brasileiro, por exemplo, foi citado em diversos documentos ao longo dos anos, incluindo a [espionagem direta da então presidente Dilma Rousseff](#). A exposição dessas atividades causou reverberações nas relações EUA-Brasil, abalando um relacionamento histórico de cooperação.

Pensei aí, de que outra forma esses documentos teriam chegado ao conhecimento público e de autoridades globais? Quando olhamos para a relevância que teve o WikiLeaks, vemos que a via cibernética é talvez o único caminho em que o vazamento desses documentos poderia ter tido a repercussão que teve - facilitado pelo controle estatal limitado da internet, as maiores chances de

anonimato e a velocidade com que informações podem ser compartilhadas na rede mundial de computadores.

Como resultado, Julian Assange ficou preso por cinco anos na Inglaterra esperando um processo de extradição para os Estados Unidos, que o acusava de espionagem. Em 2024, ele assinou um acordo com o governo norte-americano e pôde retornar à sua terra natal, a Austrália. Nas últimas décadas, porém, a luta por sua liberdade foi uma bandeira levantada por diversos grupos ativistas internacionais, dando origem a livros e filmes e [contando com o apoio de diversos líderes políticos ao redor do mundo](#) - como Lula, do Brasil, o boliviano Evo Morales, e o ex-líder do Partido Trabalhista britânico, Jeremy Corbyn.



Lançado em 2023, o documentário [Ithaka: A Luta de Assange](#) explora a influência de Julian Assange e a rede global de pessoas que exigiram por anos sua liberdade.

3. Da RIO-92 a COP-30: Como evoluiu o debate ambiental

Em 1992, pouco anos após sua redemocratização, o Brasil sediou um dos eventos que marcava o avanço das questões ambientais como um dos grandes temas do sistema internacional. Oficialmente chamada de Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, o evento ficou conhecido por uma série de alcunhas: ECO-92, Cúpula da Terra ou, ainda, RIO-92. Realizada no Rio de Janeiro em novembro daquele ano, a conferência reuniu diversos chefes de Estado e formalizou a assinatura de uma série de documentos importantes: a [Carta da Terra](#), [Convenções do Clima](#), da [Biodiversidade](#), e sobre [Desertificação](#), a [Declaração do Rio para o Meio-Ambiente e Desenvolvimento](#), a [Agenda 21](#) e a [Declaração de Princípios para Florestas](#).

OBS: Cinco anos após o evento, Umberto Cordani, Jacques Marcovitch e Eneas Salati escreveram um artigo muito interessante sobre todas as ações do governo brasileiro em resposta às demandas da RIO-92. Você pode conferir o texto integral [aqui](#).

Presente em todos esses documentos estava o senso crescente de que existiria uma responsabilidade compartilhada entre os países para preservação do planeta. Essa postura, no entanto, não foi construída sem [significativa oposição](#) - especialmente, pelo fato de que muitas das metas adotadas na RIO-92 eram exclusivas para nações desenvolvidas.

O debate prosperou amplamente e desde 1995, realiza-se um evento anual que reúne os maiores nomes dessa discussão, as chamadas Conferências das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas ou, popularmente, as COP. Dessas conferências já saíram documentos importantes, [como o Protocolo de Kyoto e seu substituto, o Acordo de Paris](#).

Mais de trinta anos depois da RIO-92, o Brasil deve sediar em 2025 sua primeira COP, a COP-30 de Belém do Pará. As altas expectativas para esse evento, então, podem também nos ajudar a entender como o debate ambiental mudou desde a década de 1990 até os dias de hoje.

O aniversário de trinta anos das Conferências chama atenção por várias razões. Até a escolha de um estado amazônico para abrigar o evento tem um objetivo explícito: tentar descentralizar o debate para longe dos grandes centros globais. Nas próximas décadas, nações e populações mais pobres tenderão a sofrer mais intensamente o impacto das mudanças climáticas e precisam ser incluídas na definição de estratégias e metas de redução do impacto ambiental que ainda é causado por todas as nações do mundo (principalmente, as mais ricas!).

As 50 milhões de pessoas que moram em território amazônico, distribuídas entre oito países e a Guiana Francesa, estão nesse grupo de populações que devem ser mais afetadas. Para além de uma perda desproporcional da biodiversidade local, moradores da região também sofrem com o aumento da insegurança causada pelo desmatamento e queimadas criminosas - que muitas vezes vem acompanhados de retaliações violentas contra ativistas e populações indígenas da região.

OBS: Pare tudo! Aqui neste [link](#) você vai encontrar todas as teses e dissertações defendidas no Brasil que citam, no título, “Desmatamento” e “Queimadas” caso tenha interesse em estudar mais a fundo esses temas. Sigamos!

Outra grande expectativa para o evento se refere ao espaço crescente ocupado pelas demandas de atores não-estatais. Presentes desde a RIO-92, redes de ativismo chegam na COP-30 mais organizadas do que nunca: com demandas relacionadas não só à preservação do meio-ambiente físico, mas também de sua relação com expressões culturais e hábitos populacionais das regiões atingidas.

O mundo está ansioso pelos resultados deste encontro, mas ainda é incerto o quanto a COP-30 conseguirá avançar em termos de propostas efetivas para preservação ambiental. Apesar de uma renovação global do debate ambiental, COPs recentes passaram por diversas polêmicas. A COP-28, por exemplo, foi presidida pelo presidente da Companhia Nacional de Petróleo de Abu Dhabi, [apesar do impacto negativo dos combustíveis fósseis para o meio-ambiente](#). Mais recentemente, [Donald Trump rescindiu a participação norte-americana do Tratado de Paris](#), o que pode apontar para uma ausência dessa delegação na COP-30 - um desfalque que, se concretizado, tira um dos maiores contribuintes aos níveis crescentes de degradação ambiental do debate sobre como combater esse problema.

Momento Data Science: se tiver interesse em observar o total de emissão de Co2 por país entre 1750 e 2023, dê uma olhada [nesse site](#).

OBS: Como falamos, a sociedade civil será parte essencial da COP-30. Nesta [matéria](#), o grupo Uma Concertação para Amazônia discute algumas das expectativas para o evento e suas possíveis repercussões.

4. Tuvalu - A ilha que pode deixar de existir e os “Refugiados do Clima”

Se compararmos mapas-múndi de diferentes épocas podemos encontrar uma série de nações que não existem mais: a Rodésia hoje é o Zimbábue, as Antilhas Neerlandesas viraram Curaçao e a União Soviética deu lugar a uma série de países independentes na Europa Oriental. Nestes casos, invariavelmente, essa mudança ocorreu por questões políticas e o espaço geográfico apenas teve suas fronteiras remodeladas ou ganhou um novo nome.

Como resultado das mudanças climáticas das últimas décadas, porém, é provável que vejamos nações deixarem de existir completamente em razão do avanço dos mares. A pequena ilha de Tuvalu, no meio do Oceano Pacífico, é uma das que mais sofrem com essa ameaça e seu caso explicita uma questão-chave do debate ambiental contemporâneo: as maiores vítimas das mudanças climáticas são justamente as que menos contribuem para seu avanço. Os cerca de onze mil habitantes de Tuvalu pouco contribuem para os gases do efeito estufa, a poluição dos mares ou a perda de biodiversidade global, [mas sentem na pele os efeitos desses fenômenos](#).

Além de reforçar a necessidade de pensarmos a preservação ambiental como uma responsabilidade compartilhada entre todas as nações do planeta, casos como Tuvalu também apontam para uma série de problemas que acompanham o crescimento dos chamados [eventos climáticos extremos](#).

OBS: Um dos textos fundamentais na formação de um estudante de Relações Internacionais é “[The Tragedy of the Commons](#)”, do norte-americano Garrett Hardin. Ele não era internacionalista, mas um biólogo preocupado com o impacto humano sobre os recursos da Terra. Pensando sobre isso, Hardin chega ao conceito da “tragédia dos comuns” que explica por que recursos compartilhados tendem à escassez. No geral, há uma tendência humana de favorecer a busca por benefícios individuais imediatos, em detrimento dos custos coletivos futuros - o que leva a um esgotamento dos recursos disponíveis.

No Sistema Internacional, algo muito parecido pode ser visto entre os diferentes Estados - o que pode ajudar a explicar as razões para tanta resistência à preservação ambiental. Incertos de que outros Estados farão o mesmo, é muito difícil que algum governo aceite diminuir seu próprio impacto sobre o sistema.

Como diminuir essa incerteza? Só com muita negociação internacional e, com sorte, a realização de tratados e de eventos como a RIO-92 e as COPs.

Outra questão importante é refletida no surgimento da categoria de Refugiados Climáticos, um grupo que pode chegar [a 216 milhões de seres humanos até 2050](#). Essas pessoas seriam forçadas a deixarem suas casas e regiões por conta de alagamentos, aumentos extremos de temperatura ou outras questões semelhantes.

Quando não for mais possível que populações se mantenham onde viveram por gerações, onde elas poderão se abrigar? Como encontrar maneiras de preservar suas culturas e identidades nacionais se o próprio espaço geográfico não é mais habitável? Essas questões se comunicam em larga medida com o debate mais amplo sobre questões ambientais nas RI, que deve considerar uma rede complexa de questões políticas, históricas e sociais na relação entre seres humanos e o planeta Terra.

O primeiro refugiado: Além de Tuvalu, outro país que passa pelo mesmo risco de desaparecer nas próximas décadas é o Kiribati. Em 2015, o kiribatiano Ioane Teitiota buscou refúgio na Nova Zelândia sob a justificativa de que seu país estaria se tornando inabitável devido às mudanças climáticas. À época, Teitiota foi considerado o [“primeiro refugiado do clima”](#) no planeta!

OBS: Pode parecer que os efeitos mais violentos da crise climática estão no futuro, mas o futuro é logo ali! Na série [Extrapolations](#) imaginamos como estará o mundo em anos como 2037 e 2047, e olha..., sendo bem diplomático, a situação não tá nada boa pro nosso lado!

5. Fluxos migratórios globais e o polêmico projeto britânico para refugiados

Não dá pra fugir, vamos falar mais uma vez de globalização! Além de tudo que já trouxemos até aqui, esse fenômeno também levou modificou profundamente as dinâmicas de migração internacional de seres humanos - tanto no eixo das razões que levam pessoas a saírem de suas terras-natais, até a natureza de sua relação com os países que as recebem, cada vez mais tensionada.

Em nenhum lugar do mundo isso está tão claro quanto na Europa - destino de milhões de imigrantes em busca de emprego e de refugiados tentando sair de situações conflituosas em suas terras natais. Críticos desse fenômeno no continente costumam pautar a questão migratória como uma crise que ameaça à saúde econômica, à segurança pública e às tradições sociais da região. Analisando as dinâmicas que envolvem a inclusão e exclusão desses migrantes, a pesquisadora Menara Guizardi apontou que estamos vivendo na [“Era da crise migratória”](#), um problema que está longe de ter soluções fáceis.

OBS: Neste [link](#) você vai encontrar todas as teses e dissertações defendidas no Brasil desde 1987 que citam no título “imigração”, blz? Podemos continuar? Então vamos.

Do lado dos que querem impedir que esses fluxos continuem a crescer, programas cada vez mais estritos vêm sendo adotados por mandatários europeus. De todas essas medidas, nenhuma foi tão polêmica quanto um projeto aprovado pelo governo britânico em 2023: [neste plano](#), toda pessoa em busca do *status* de refugiado seria deportado para Ruanda, independente do seu país de origem, e só poderia tentar regularizar sua situação já no país africano.

A aprovação desse projeto levantou preocupações com a salvaguarda dos direitos humanos de cada refugiado, de fato, vários ativistas alertaram para o teor xenofóbico da proposta. Em primeiro plano das denúncias desses grupos está o histórico de violações a direitos básicos em Ruanda, além dos riscos extras para minorias como mulheres e [pessoas LGBTQ+](#). Apesar dessas denúncias, o governo britânico defendeu, à época, que essa era uma medida necessária e que o Reino Unido não suportaria o intenso fluxo migratório em sua direção.

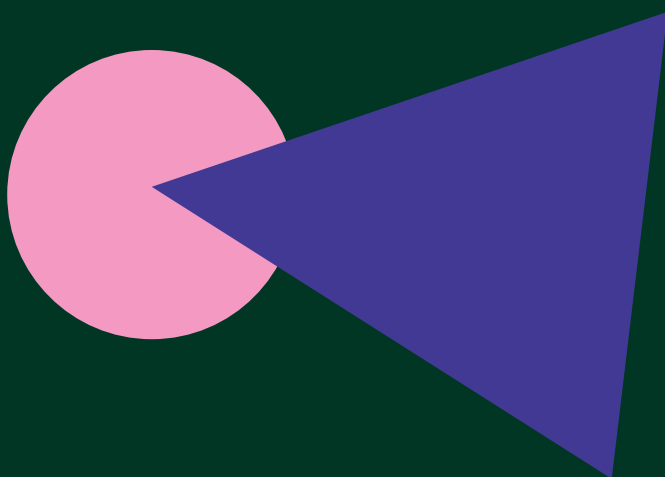
Ao fim, a Suprema Corte britânica impediu a continuidade do plano, mas nas RI podemos buscar entender as razões para ele ter sido criado, e o que isso nos diz sobre a questão migratória nos próximos anos. De fato, análises acadêmicas identificam alguns fatores importantes por trás de respostas mais agressivas aos fluxos migratórios, destacamos aqui: (i) a [herança colonial](#) - países como o Reino Unido, que por terem mantido controle político e cultural sobre grande parte da África e Ásia, são encarados pela população dessas ex-colônias como um destino próspero para construírem suas vidas e; (ii) o [crescimento de sentimentos racistas e xenofóbicos](#) – desemprego e insegurança estimulam a criação de bodes expiatórios, que geralmente assumem as feições do estrangeiro.

OBS: Focamos aqui nas respostas repressivas de países ricos aos grupos migrantes, mas essa não é a única forma de analisar a questão. Migrantes deixam seus locais de origem por uma série de razões, e encontram níveis variados de empecilhos ao começarem novas vidas em outros países. No [Migration Data Portal](#) você pode explorar várias dessas dimensões, como fatores climáticos e de gênero por trás dos novos fluxos migratórios. Quem sabe você não usa esses dados em conjunto com uma das técnicas de pesquisa que vamos mostrar na próxima seção? Já pensou? 😎

OBS: Ainda quer ler mais sobre a questão migratória? Material não falta. Checa só esses artigos [aqui](#), e [aqui](#), e [aqui](#), e [aqui](#), e... [aqui](#)! UFA!



MÉTODOS DE PESQUISA EM RI



O trabalho de uma internacionalista não acaba quando ela decide qual tema e problemática vai investigar. Na verdade, é parte igualmente importante do trabalho científico a construção de desenhos de pesquisa adequados a seus objetivos. Uma pluralidade de técnicas e abordagens está à disposição de pesquisadores, mas é preciso pensar no tipo de pergunta a ser respondida e o material disponível para essa empreitada.

OBS: Salve este [link](#) porque ele pode ser útil no futuro. Nele você encontra um repositório de trabalhos tutoriais de métodos e técnicas de pesquisa.

Abaixo, passaremos pelos aspectos essenciais de duas técnicas utilizadas nas RI. Elas não esgotam as opções que você terá, mas mostram que nem toda pesquisa é igual, e que cada caminho pode ajudar a elucidar pontos distintos das nossas dúvidas sobre como o sistema internacional se organiza. Junto de todas as outras indicações nesta apostila, esperamos que esses exemplos lhes inspirem a questionar o funcionamento do sistema internacional, e como ainda podemos avançar para entendê-lo melhor.

MÉTODO 1: Análise de Conteúdo

A técnica de Análise de Conteúdo é, sem dúvida, uma das mais utilizadas por estudiosos das RI, podendo ser aplicada a uma gama mais ampla de fontes do que a Análise de Discurso, da qual falamos rapidamente na seção anterior. Como defende [Margaret Hermann \(2008\)](#), na Análise de Conteúdo qualquer material que comunique e represente uma mensagem dos agentes políticos em discussão pode ser investigado (texto falado ou escrito, documentos oficiais, legislação e até mesmo letras de música, ora essa).

Além dos discursos formais de um agente político, então, podemos incluir a análise de livros à matérias jornalísticas, de entrevistas a material publicitário, o céu é o limite. O tipo de evidência que vai valer à pena coletar, porém, depende da pergunta de pesquisa que estamos trabalhando. Como já dissemos, essa técnica pode ser feita de forma mais qualitativa, com a leitura aprofundada de cada texto, ou através de técnicas automatizadas de análise.

Mas nem sempre precisamos escolher! O trabalho abaixo mostra como é possível associar esses dois caminhos para gerarmos um resultado mais completo. Dá trabalho, mas vale a pena ;)

[Exportação de democracia na política externa norte-americana no pós-Guerra-Fria: doutrinas e o uso da força](#)

[Maria Helena de Castro Santos \(2010\)](#)

Neste trabalho, Maria Helena de Castro Santos mobiliza uma análise de conteúdo de 414 discursos realizados pelos Secretários de Estado e Presidentes norte-americanos entre 1989-2008. Com essa análise, ela discute a consolidação da doutrina de “exportação da democracia”, que serviu para justificar as interferências dos Estados Unidos em sistemas políticos estrangeiros durante o período.

Numa fase mais quantitativa, o trabalho realiza uma contagem automática do quanto as palavras democracia e segurança aparecem em conjunto nos discursos analisados. Em seguida, ela também implementa uma análise qualitativa dos discursos para entender variações importantes encontradas na contagem anterior, olhando para momentos destoantes nos dados, como o pico de citações sobre o tema após os atentados de 11 de setembro de 2001 - que identificamos claramente nos gráficos abaixo, mas que poderia ter passado despercebido em um trabalho 100% qualitativo.

Figura I
Ocorrência das palavras “democracia” e “segurança”
nos discursos dos Presidentes dos EUA, 1989-2008

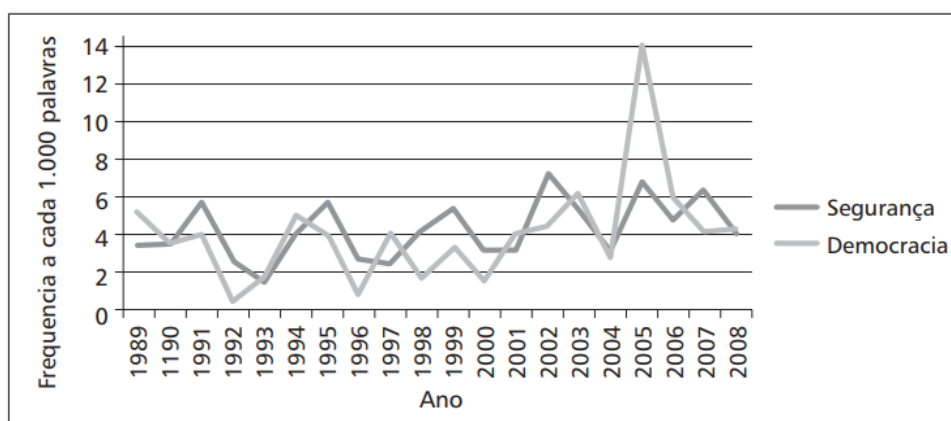
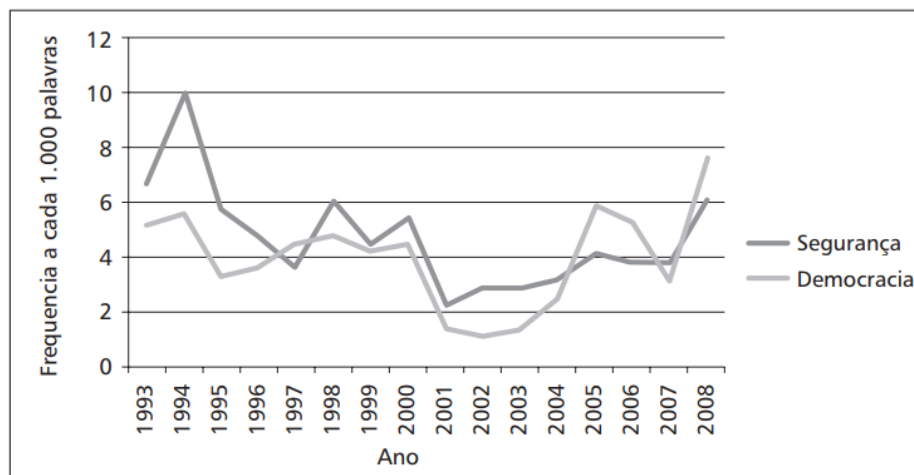


Figura II
Ocorrência das palavras “democracia” e “segurança”
nos discursos dos Secretários de Estado dos EUA, 1989-2008



MÉTODO 2: Técnicas Experimentais em RI

Sim, também é possível realizar experimentos nas Relações Internacionais. No lugar de compostos químicos ou circuitos elétricos, porém, aqui nós buscamos eliminar as externalidades que podem afetar a observação de um fenômeno político - o reproduzindo em um ambiente controlado. Resgatando a definição de [Kellstedt e Whitten \(2018\)](#), um desenho de pesquisa experimental se caracteriza pela possibilidade de o pesquisador controlar o valor das variáveis independentes para os participantes analisados - em outras palavras, controlar como o fenômeno político a ser analisado se apresenta para os objetos do estudo.

Esse caminho é defendido por autores como [Lupton e Webb \(2022\)](#), que defendem o uso de uma série de técnicas experimentais nas RI. Para eles, estas seriam especialmente úteis na análises de decisões tomadas por governos em sua política externa, e para estudos dos padrões comportamentais das populações do planeta.

Todavia, a realização de experimentos nas Relações Internacionais vem acompanhada de algumas preocupações intrínsecas a uma pesquisa social. Em primeira ordem, está a manutenção da ética de pesquisa, já que os objetos analisados são seres humanos. Essa limitação também implica

em questões sobre a formatação do modelo, dadas as limitações do quanto podemos replicar um fenômeno político nas condições controladas que um experimento exige - já que toda pessoa a ser analisada contará com seus vieses próprios anteriores à pesquisa.

Mesmo com esses empecilhos, o uso de técnicas experimentais vem aumentando e nos trazendo informações importantes sobre o sistema internacional e as populações que nele residem. Temos um exemplo dessa aplicação abaixo.

[Not in My Back Yard: Public Perceptions and Terrorism](#)

[Nazli Avdan and Clayton Webb \(2019\)](#)

Outro dos grandes temas da atualidade, ataques terroristas são representações extremas de violência por parte de grupos organizados politicamente. Nem todo ataque terrorista, porém, gera a mesma reação na opinião pública mundial, mas por quê? Neste artigo, Avdan e Webb exploram duas possíveis explicações para isso: a proximidade física e social das pessoas com os ataques terroristas. A primeira dimensão diz respeito à distância geográfica entre um ataque terrorista e as pessoas que ficam sabendo do mesmo; enquanto a segunda é entendida pelo quanto as pessoas carregam características demográficas comuns em relação a quem elas enxergam como vítimas do atentado.

Para isso, eles realizam um experimento *online* com cidadãos norte-americanos, enviando mensagens sobre um ataque terrorista fictício para centenas de pessoas. Nestas mensagens, apareciam informações variadas sobre o local de origem do grupo extremista e a localidade onde a investida teria acontecido.

Os resultados para a proximidade física não foram tão robustos e variaram entre grupos diferentes. Na proximidade social, porém, foi encontrado um viés racial no cálculo de gravidade que os analisados faziam sobre os ataques fictícios: sendo os norte-americanos majoritariamente brancos, eles demonstraram mais solidariedade em casos em que as vítimas dos ataques teriam mais chances de serem brancas.

Esse fenômeno já tinha sido verificado no mundo real em algumas ocasiões. O próprio artigo compara diretamente reações globais aos ataques do Estado Islâmico na França, com acontecimentos similares no Quênia e na Turquia. O lado experimental deste trabalho deu-se pelo

fato que os pesquisadores controlaram todas as informações sobre os supostos ataques terroristas, permitindo uma extração mais direta da resposta dos analisados. Assim, foi possível isolar o efeito que vieses raciais parecem ter na repercussão de ataques terroristas e, ao mesmo tempo, elaborar questionamentos sobre as consequências dessa disparidade. Não vamos para o mesmo laboratório dos cientistas dos filmes, mas ainda chegamos em resultados muito interessantes, não né?



RECOMENDAÇÕES



Ler artigos e livros acadêmicos é o caminho mais direto para aprendermos sobre o sistema internacional, mas não precisa ser o único! Nesta seção, trazemos uma série de recomendações de filmes, livros e *podcasts* que podem lhe ajudar a navegar neste vasto universo. Como fazia Dexter com suas vítimas, vamos por partes!

Recomendações de Filmes

[Adeus, Lênin! \(2003\) - Dir. Wolfgang Becker](#)

Indicado ao Globo de Ouro em 2003, “Adeus, Lênin!” é um dos filmes mais famosos do cinema alemão. E nos ajuda a entender os desdobramentos do fim da Guerra Fria e do avanço da globalização (*aqui ela mais uma vez!*) ao fim do século XX.

Contando a história de uma família residente da Berlim Oriental, a trama se desenrola em volta de Alex Kerner e sua mãe Christiane, uma militante comunista fervorosa. No dia 9 de novembro de 1989, quando cai o muro de Berlim e começa o processo de reunificação da Alemanha, Christiane entra em coma. Passados oito meses, a mulher acorda sem saber o que aconteceu com seu país e, temendo o que o choque poderia fazer com sua mãe fragilizada, Alex decide fingir para ela que nada mudou. Para isso, ele tem de esconder o acelerado processo de integração dos dois lados da Alemanha.

O fim da Guerra Fria é um dos eventos mais estudados das RI. Em “Adeus, Lênin!”, podem ser vistos sinais claros de mudanças efetivas na vida da população local, mas que também representam uma transição mais global de paradigmas. Sem saber do declínio do governo comunista, Christiane passa o filme achando que ainda vive em um mundo onde as distribuições de força globais se constituem de forma bipolar - dinâmica que caracterizou décadas das discussões sobre o sistema internacional, pautadas no embate entre soviéticos e norte-americanos. Pode preparar a pipoca que a diversão e o aprendizado são garantidos.

Papicha (2019) - Dir. Mounia Meddour

Mulheres são desproporcionalmente afetadas por eventos de conflito no sistema internacional, e não é diferente quando falamos sobre o crescimento de grupos religiosos de atuação extremista pelo mundo. Seguindo a vida de uma estudante universitária na Argélia dos anos 1990, podemos ver como o crescimento desses grupos foi acompanhado de medidas para tolher a liberdade das mulheres - seja na escolha de suas vestimentas ou no quanto elas poderiam aparecer na vida pública.

Além de tratar de um tema relevante, “Papicha” também ilustra outra característica importante dos estudos das RI: como o mesmo evento pode ser encarado em abordagens distintas. Assim como diferentes teorias analisam os mesmos eventos no sistema internacional com focos próprios, a direção de Meddour olha para o conflito argelino por uma ótica específica: a de como mulheres são afetadas em momentos de crise - um equivalente às teorias feministas das RI, que também buscam considerar como questões de gênero afetam significativamente as movimentações políticas globais.

Quer um caso mais local? Em [“Que bom te ver viva!” \(1989\)](#), a diretora Lúcia Murat mostra exemplos reais de como as mulheres foram afetadas pela ditadura militar brasileira, apresentando dimensões frequentemente esquecidas nas histórias mais conhecidas sobre a época.

Sambizanga (1972) - Dir. Sarah Maldoror

Recentemente restaurado, Sambizanga é um filme pioneiro do cinema africano. Dirigido pela poeta e ativista Sarah Maldoror, a obra retrata o período de luta pela independência de Angola.

Lançado três anos antes da independência formal do país, a trama segue a vida de Maria, esposa de um membro preso do movimento de libertação do país, que tenta descobrir o paradeiro de seu marido. Denunciando os maus-tratos e o racismo dos colonos portugueses com a população local, o filme foi polêmico em sua exibição pela Europa - tendo sua estreia adiada algumas vezes pela censura portuguesa.

Para um curioso sobre as RI, ele ajuda a entender uma série importante de acontecimentos do último século: a onda de independências pelo continente africano e asiático, muitas vezes resultado de conflitos prolongados. Modificando a configuração geográfica e política do planeta,

essa onda também aumentou o número efetivo de Estados pelo mundo, trazendo para as discussões internacionais novas demandas por igualdade e reparações pelo período de exploração enfrentado.

Movimentos de descolonização reverberaram para muito além do cinema, e podemos ver sua influência na [música](#), na [literatura](#) e até na própria disciplina de RI, com o estabelecimento do [campo de estudos decoloniais](#). Indispensável para curiosos sobre o assunto, sugerimos também a obra [“Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente”](#) de Edward W. Said.

Sérgio (2020) dir. Greg Barker

O diplomata Sérgio Vieira de Mello é, até hoje, o único brasileiro a ter ocupado o posto de Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, participando ativamente das atividades da ONU em vários dos conflitos mais complexos do mundo durante seus 34 anos na agência - interrompidos por um ataque terrorista em Bagdá, que matou Vieira de Mello e outros 21 funcionários em 2003.

Lançado em 2020, o filme “Sérgio” foca justamente nos últimos meses de vida do diplomata, após sua alocação como representante especial das Nações Unidas no Iraque. Mostrando com detalhes o dia a dia das atividades diplomáticas exercidas em momentos críticos de conflitos internacionais, o filme também revela casos específicos em que o diplomata esteve presente - incluindo um trabalho longo no processo de reconstrução do Timor Leste, que recebe atenção especial na obra.

OBS: Quer saber mais sobre o Sérgio Vieira de Mello mas a vida tá corrida e não sobra tempo para assistir um filme? Essa matéria [aqui](#) já dá um resumo legal de sua história.

[A Batalha de Argel \(1966\) dir. Gillo Pontecorvo](#)

Após ter sua condenação à morte suspensa em um indulto, o ex-membro da Frente de Libertação Nacional argelina Saadi Yacef escreveu um relato autobiográfico que se tornaria uma das obras mais importantes sobre a libertação da Argélia do jugo colonial francês. Em 1966, seu livro “*Souvenirs de la Bataille d’Alger*” seria adaptado para o cinema em “A Batalha de Argel”, produção ítalo-argelina notável por ser um dos primeiros filmes a tentar mostrar as dinâmicas envolvidas nos processos de independência pelo sul global, que se multiplicavam à época.

Considerado de viés Pró-Independência, o polêmico filme não seria formalmente distribuído na França até 1971. Aqui, o recomendamos como outro exemplo que ajuda a compreender as profundas modificações do sistema internacional ao longo do século XX. Quer saber mais sobre o filme? Só clicar nesse link [aqui](#).

Recomendações de Podcasts:

[Angu de Grilo](#)

Mãe e filha, as jornalistas Flávia Oliveira e Isabela Reis debatem no *podcast* “Angu de Grilo” uma série de temas relevantes em política doméstica e internacional. Expressão cunhada pela avó de Isabela, o título do *podcast* se refere justamente à variedade de temas que as duas abordam a cada semana: indo desde as grandes discussões dentro das arenas da ONU ou OMS, até as escolas de samba do Rio de Janeiro.

Quando tratam de política internacional, há especial foco no papel brasileiro em temas como meio-ambiente e direitos humanos, assim como singular atenção à emergência de novas discussões globais – como, por exemplo, a atuação de povos originários em esforços de preservação ambiental.

No episódio linkado [aqui](#), Flávia e Isabela debatem sobre os desdobramentos da COP-28, realizada em Dubai, incluindo novas metas ambientais sobre combustíveis fósseis e energia renovável. Já complementa o que você leu lá em cima sobre a COP-30!

Fronteiras Invisíveis do Futebol

É, dá para falar até de como o futebol influencia os rumos do sistema internacional. Comandado pelos historiadores Filipe Figueiredo e Matias Pinto e oficialmente encerrado em 2022, o Fronteiras Invisíveis do Futebol explorou acontecimentos importantes da política externa e doméstica dos países analisados sob uma ótica pouco comum: a do esporte.

Desde o genocídio tutsi em Ruanda, passando pela queda da Alemanha Oriental ou o estabelecimento da ditadura militar brasileira, o futebol, com frequência, refletiu mudanças relevantes na sociedade. Este pode até não parecer o caminho mais usual, mas nos ajuda a entender acontecimentos importantes da política internacional. Aposto que a sua cabeça agora deve está fervilhando de novas ideias!!!

Recomendações de Livros

Paraíso - Abdulrazak Gurnah

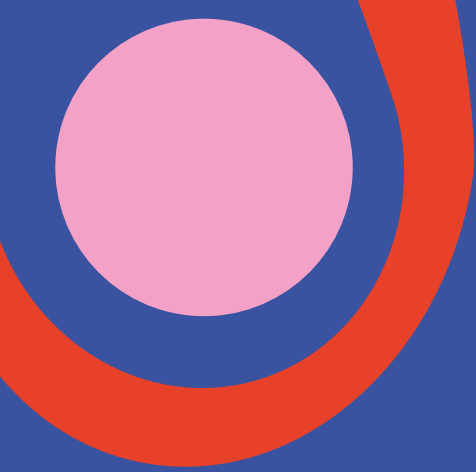
Quando recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 2021, a obra de Abdulrazak Gurnah foi aplaudida pela Academia Sueca “*Por sua penetração intransigente e compassiva dos efeitos do colonialismo e do destino do refugiado no abismo entre culturas e continentes*”. Gurnah, não obstante, esteve entre os milhões de refugiados que chegaram à Europa durante o século XX - deixando a Tanzânia após episódios de perseguição contra a população muçulmana do país, da qual sua família fazia parte.

Uma das poucas obras do autor já traduzidas para o português, “Paraíso” acompanha o garoto Yusuf em uma caravana pela África Oriental no período anterior à Primeira Guerra Mundial, passando pelos horrores dos conflitos civis pelo continente e com um olhar crítico sobre o colonialismo europeu na região.

Por que as nações fracassam? - Daron Acemoglu e James A. Robinson

Quando venceram o Prêmio Nobel de Economia em 2024, juntos ao americano Simon Johnson, Daron Acemoglu e James A. Robinson foram aplaudidos por seu trabalho em [analisar instituições e seu papel na prosperidade e desigualdade pelo mundo](#). Em “Por que as nações fracassam?”, a dupla tenta achar explicações para as disparidades encontradas entre nações ricas e pobres - tanto na atualidade, quanto ao longo da história.

A obra relaciona essas diferenças às instituições de cada país, aqui encaradas como as principais guias dos vínculos políticos e sociais de cada povo. Acemoglu e Robinson exploram ainda o elo entre a qualidade dessas instituições e os requisitos básicos de um sistema democrático plural - como eleições e uma sociedade civil ativa. Com o mundo contemporâneo passando por diversos processos de crises institucionais e ressacas democráticas, o trabalho traz questionamentos e possíveis respostas para esses eventos. Leitura obrigatória se você quer entender melhor a relação instituições e desenvolvimento econômico.



Conclusão

Se você chegou até aqui, é sinal de que topou o desafio — e olha, já pode se considerar **menos perdido no rolê das Relações Internacionais**. Ao longo dessas páginas, a gente passou pelos dilemas que movem o mundo, trocou ideia sobre como os países se entendem (ou brigam), desvendou os bastidores da diplomacia e ainda deu um gás nos métodos que ajudam a estudar tudo isso de forma séria e rigorosa, mas sem complicar demais.

Mais do que decorar nomes, datas ou teorias, a ideia era mostrar que RI é coisa viva, cheia de conflitos, decisões e surpresas. E que, sim, o que rola no mundo tem tudo a ver com a sua vida — da Amazônia à guerra na Europa, das negociações climáticas aos memes geopolíticos que pipocam na internet.

Agora, o próximo passo é com você. Use as dicas de leitura, filmes e podcasts para continuar essa caminhada no seu tempo, do seu jeito. O mundo é gigante, e entender como ele funciona é uma baita ferramenta para não cair em papo furado e para construir opiniões mais firmes, críticas e bem embasadas.

Então é isso: valeu por embarcar conosco! A gente se vê por aí — nos debates, nas pesquisas ou até naquela conversa de bar que começa com “geopolítica” e termina em “vamos mudar o mundo?”.

Até a próxima!



Referências-base

- ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais. **Lua Nova: revista de cultura e política**, p. 201-246, 1999.
- AVDAN, Nazli; WEBB, Clayton. Not in my back yard: Public perceptions and terrorism. **Political Research Quarterly**, v. 72, n. 1, p. 90-103, 2019.
- CERVO, Amado Luiz. Conceitos em relações internacionais. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 51, p. 8-25, 2008.
- CORDANI, Umberto G.; MARCOVITCH, Jacques; SALATI, Eneas. Avaliação das ações brasileiras após a Rio-92. **Estudos Avançados**, v. 11, p. 399-408, 1997.
- DAVIES, Sara E.; WENHAM, Clare. Why the COVID-19 response needs international relations. **International Affairs**, v. 96, n. 5, p. 1227-1251, 2020.
- DOYLE, Timothy; CHATURVEDI, Sanjay. Climate refugees and security: Conceptualizations, categories, and contestations. **The Oxford handbook of climate change and society**, p. 278-291, 2011.
- HERMANN, Margaret G. Content analysis. In: **Qualitative methods in international relations: A pluralist guide**. London: Palgrave Macmillan UK, 2008. p. 151-167.
- IVANOVA, Maria. Evaluar los resultados de Río+ 20. La situación del mundo: informe anual del **Worldwatch Institute sobre progreso hacia una sociedad sostenible**, n. 2014, p. 213-230, 2014.
- KELLSTEDT, Paul M.; WHITTEN, Guy D. **The fundamentals of political science research**. Cambridge University Press, 2018.
- LAKE, David A. Theory is dead, long live theory: The end of the Great Debates and the rise of eclecticism in International Relations. **European journal of international relations**, v. 19, n. 3, p. 567-587, 2013.
- LUPTON, Danielle L.; WEBB, Clayton. Experimental Methods. In: **Routledge Handbook of Foreign Policy Analysis Methods**. Routledge, 2022. p. 338-353.
- MELLO, Valérie de Campos. Globalização, regionalismo e ordem internacional. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 42, p. 157-181, 1999.
- NUNES, João. Ainda a Saúde Global. **Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical**, v. 23, p. 19-22, 2024.
- MORGENTHAU, Hans. Realism in international politics. **Naval War College Review**, v. 10, n. 5, p. 1-15, 1958.
- OTTOH, Ferdinand O. International Migration and Xenophobia. **Journal of African Union Studies**, v. 10, n. 1, p. 9-27, 2021.

PEREIRA, Demetrius Cesario; ROCHA, Rafael Assumpção. Debates teóricos em Relações Internacionais: origem, evolução e perspectiva do “embate” Neo-Neo. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 3, n. 6, p. 313-328, 2015.

SANTOS, Maria Helena de Castro. Exportação de democracia na política externa norte-americana no pós-Guerra-Fria: doutrinas e o uso da força. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 53, p. 158-191, 2010.

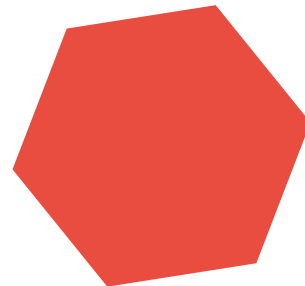
SHARPE, Michael Orlando. Race, Interests, and Perceptions in International Migration: A Review Article. **Political Science Quarterly**, 2024.

VARGAS, Mojana; CASTRO, Aline Contti. O ensino e a pesquisa em relações internacionais no Brasil-sentidos e desafios da decolonialidade. **Oasis**, n. 32, p. 125-150, 2020.

WEINER, Myron. The global migration crisis. In: Global history and migrations. Routledge, 2018. p. 95-115.

WORLD POPULATION REVIEW. Internet Users By Country. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/internet-users-by-country>.

Sobre o Autor

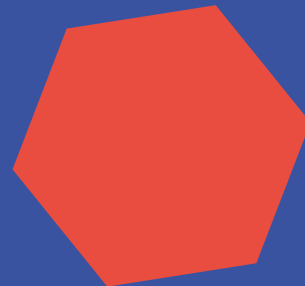


Marcelo de Almeida Medeiros é uma verdadeira lenda da Ciência Política! Ele é professor titular na UFPE e manda ver na pesquisa, com bolsa do CNPq e tudo. Além de dar aula na graduação e na pós, já passou por várias universidades de peso, como Oxford, Sorbonne e Sciences Po. Foi professor visitante em várias instituições internacionais e tem um currículo cheio de cargos importantes, desde coordenação de cursos até participação em conselhos acadêmicos. Seus estudos giram em torno de política internacional, comparando sistemas de governo, e ele tem um foco especial em temas como Mercosul, política externa do Brasil e da França, União Europeia, governança e democracia. Em resumo: um gigante da área!

Algumas curiosidades sobre o professor Marcelo: estudou engenharia elétrica antes de migrar para a área de Relações Internacionais, é torcedor não praticante do Náutico e tem como prato predileto Buchada de Bode. Ps. uma dessas informações é falsa.



Sobre o Autor



Lucas Brito é doutorando em Ciência Política na UFPE e sempre gostou de estudar sobre política internacional. Em seu doutorado, vem explorando questões relacionadas à Saúde Global e como as dinâmicas do sistema internacional afetam a maneira com que lidamos com pandemias e outros tipos de crise sanitária.

Quase fez faculdade de Publicidade e Propaganda, e hoje agradece ao universo por ter impedido isso, pois teria odiado. Chegou na faixa roxa em karatê quando era criança, mas já não lembra mais de nada. Nadinha.



Sobre o Autor

Dalson Figueiredo é torcedor do glorioso Sport Clube Recife, campeão brasileiro de 1987. Pai de Rudá Alquete Figueiredo, Dalson atualmente é professor Associado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Catalisador do Berkeley Initiative for Transparency in the Social Sciences (BITSS).

Em 2023, assumiu a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPE e hoje atua como Coordenador Científico do Mestrado Profissional em Políticas Públicas (MPPP/UFPE). Em 2022, foi pesquisador visitante na Universidade de Oxford, Reino Unido. Foi também bolsista do Summer Program in Social Science (2015-2017) e do Teaching Integrity in Empirical Research (TIER), Haverford College (2016-2017). Em 2018 foi pesquisador visitante na Universidade de Nottingham, Reino Unido.

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco em 2012 com uma tese sobre gastos de campanha, pobreza e resultados eleitorais. Foi pesquisador visitante na Universidade de Indiana (Bloomington, 2014), na William Mitchell College of Law (Saint Paul, 2011) e na Universidade de Wisconsin (Madison, 2009). Finalizou o mestrado em Ciência Política na UFPE em 2009 com uma dissertação sobre grupos de interesse, financiamento de campanha e regulação eleitoral. Em 2005, recebeu o título de bacharel em Ciências Sociais pela UFPE, com período sanduíche na Universidade do Texas (Austin, 2003).

Atua principalmente nas áreas de métodos de pesquisa e transparência científica. Tem dois livros publicados: um sobre financiamento de campanha e outro sobre métodos quantitativos em Ciência Política.



[Ei! Se quiser ganhar descontos especiais nos livros, fala diretamente comigo **no Twitter**  (ninguém fala "X", fala sério!)]